

IN NATURA MUSEU É "CASA" DA MATA ATLÂNTICA

Recanto de todos os colibris

Museu Mello Leitão guarda memória do naturalista Augusto Ruschi

MARCELO PEREIRA
mvitoria@redgazeta.com.br

A maior parte do "acervo" está viva e em constante movimento. O Museu de Biologia Professor Mello Leitão, em Santa Teresa, a 83 quilômetros de Vitória, funciona como centro de pesquisas e estudos biológicos, dando continuidade à memória e à missão do famoso naturalista da própria cidade Augusto Ruschi (cuja morte completou 20 anos em junho).

A reportagem de hoje é a penúltima da série "Museus do Espírito Santo", sobre as casas de memória do Estado, que termina no próximo do-

mingo com uma matéria sobre o Museu do Convento da Penha.

O Mello Leitão inclui um parque de 77 mil metros quadrados que abriga viveiros com alguns exemplares da fauna e da flora da Mata Atlântica capixaba. Mas o rei, ali, é o beija-flor. Na sede do parque (onde no passado morou o próprio Ruschi), é possível ver um bailar incessante deles, atrás dos bebedouros de água-com-açúcar, expostos na varanda. "São representantes das mais de 17 espé-

cies já catalogadas na região", informa o chefe técnico do museu, André Moreira.

Os colibris não se assustam com as pessoas e podem ser vistos até mesmo parados, pousados nos galhos. Algo raro, em se tratando de um beija-flor.

O museu se desvenda nas trilhas que cortam o parque. É um programa para quem curte a natureza. Cercado por espécies vegetais da Mata Atlântica, com uma orquídea e bromélia aqui e ali enfeitando o caminho, o público passeia pelo local com direito a "trilha sonora" sem interrupção. Ela fica por conta dos bem-te-vis, sanhaços, tico-ticos e outros habitantes emplumados.

ECOLÓGICO. Os animais nos viveiros foram apreendidos pela Polícia Ambiental em ações contra a caça ilegal e o contrabando de espécies. As araras, tartarugas, cobras e sagüis-da-cara-branca são testemunhas dessa nota triste. "Eles não podem ser devolvidos ao meio ambiente porque não se adaptariam mais ao ritmo da vida selvagem", explica Moreira.

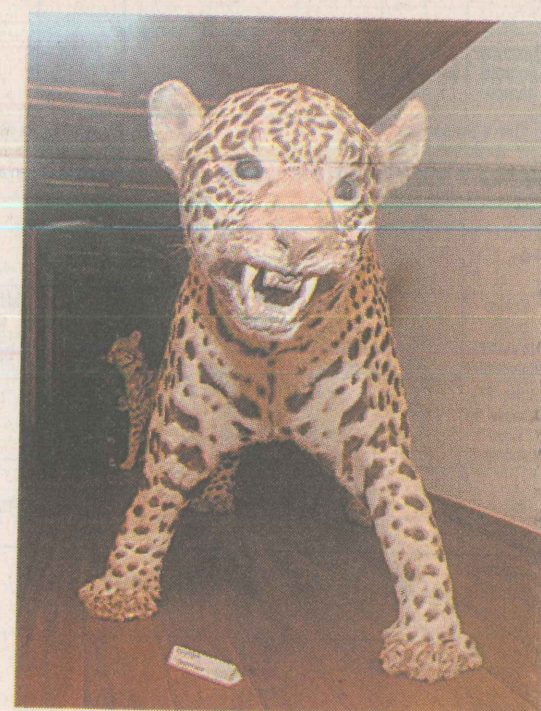
As aves e animais são mantidos para estudos científicos sobre seu comportamento e se transformam em uma atração à parte, reforçando a mensagem de que se deve preservar agora para que a natureza não cobre depois. A conta pode ficar difícil de ser fechada.

A522723



ATRAÇÃO. Um beija-flor paira na varanda do Museu Mello Leitão, em Santa Teresa. A casa do ambientalista Augusto Ruschi virou a sede da instituição. FOTOS: GILDO LOYOLA





■ **Quase um zoológico.** O sagüi-da-cara branca é uma das espécies da Mata Atlântica ameaçadas de extinção. Motivo: a caça ilegal e a degradação ambiental, que destrói o habitat natural do primata. Alguns deles, que foram resgatados pela Polícia Ambiental, podem ser vistos, em ampla movimentação, nos viveiros da região central do parque. Os sagüis já não podem voltar para a mata. Fatalmente morreriam de fome, porque perderam o instinto natural de caça e autopreservação. Atrás desse viveiro, o museu abriga um ofidário com cobras venenosas e não-venenosas. Mas se o tempo estiver frio, não espere muitas performances da parte delas. Como todo réptil que se preze, a cobra prefere ficar apenas "existindo", curtindo a vida enquanto a comida não aparece. O prato principal são ratinhos brancos ou pintinhos de granja.

■ **Seguindo o verde.** As trilhas cortam o Museu de Biologia Mello Leitão e funcionam como uma grande vitrine de espécies animais e vegetais da Mata Atlântica. Mas que ninguém se assuste: onças e outros bichos de grande porte não aparecem por lá. As rotas passam pelo córrego São Pedro (com duas pontes de madeira cobertas), pelo estande das orquídeas, Pavilhão de Botânica (atualmente com uma exposição de fotografias de Augusto Ruschi), os viveiros, o ofidário (com as cobras) e o jardim rupestre, além da antiga residência de Ruschi, que atualmente abriga a sede do museu. O principal projeto do Mello Leitão é a pesquisa sobre a biodiversidade na região de Santa Teresa. A instituição tem como objetivo catalogar a flora do município, além de associar esses estudos a pesquisas específicas sobre orquídeas, palmeiras e bromélias.

■ **Eles eram assim.** Uma das atrações que mais despertam a curiosidade (principalmente das crianças) é o Pavilhão de Ornitologia. Nele, estão expostos em longas vitrines alguns animais brasileiros taxidermizados (empalhados), como essa onça-pintada. São representantes da fauna da Mata Atlântica. O público pode ter idéia do tamanho de um tatu-canastra, por exemplo, ou da exuberância de um gavião real. A coleção zoológica do Mello Leitão é formada por cerca de 7.300 exemplares de aves (entre estes, 1.700 beija-flores) e 2.700 de mamíferos. Segundo o chefe-técnico André Moreira, o pavilhão passará por um projeto que prevê a instalação de um sistema multimídia em que as pessoas poderão ouvir os sons das aves expostas ali e imagens delas em seu habitat natural. Mas não há previsão de quando a tecnologia fará os animais "reviverem".

■ **Fúria da natureza.** Em fevereiro de 2002, um vendaval com mais de 100 km/h deu fim ao reinado da árvore acima, que tinha sido plantada pelo silvicultor Edmundo Navarro de Andrade em 1900. Mas, como tudo na natureza se renova, o que sobrou do vegetal virou ponto de apoio para o crescimento de outras plantas e fungos.

O Museu de Biologia mantém ainda um herbário, onde está documentada parte da flora do Espírito Santo. Abriga cerca de 24 mil amostras de plantas conservadas como exsicatas (ramos secos com folhas, flores e frutos), flores em meio líquido e amostras de madeira.

A instituição, mantida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), atualmente dá continuidade a um projeto de pesquisa que faz um levantamento das espécies de planta de Santa Leopoldina,

Governador Lindenberg e Águia Branca. O museu fica na Av. José Ruschi, 4, Centro, Santa Teresa. (27) 3259-1182.

Entrada: R\$ 2. Funciona de terça a domingo, e feriados, das 8h às 17h. Para chegar, saindo de Vitória, pegue a BR 101 Norte até Fundão. Depois são mais 28 quilômetros até Santa Teresa, pela ES 164.